

Relações de exotização e domesticação em tradução: apresentação ao número especial

Andrea Cristiane Kahmann¹

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Daniel Antonio de Sousa Alves²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Javier Franco Aixelá³

Universidad de Alicante, Espanha

É sempre interessante e desafiadora a experiência de organizar uma revista acadêmica — especialmente quando se trata de uma edição cujo tema é tão relevante para o campo disciplinar como o das relações de exotização e domesticação em tradução. Além do volume de trabalho que a tarefa de organização, por si só, implica, trata-se de uma atividade que nos tira das zonas de conforto que construímos em nossos cotidianos como docentes e pesquisadores/as, colocando-nos em contato com pontos de vista diversos e com propostas de discussão ricas, como é o caso dos textos que foram submetidos para a atual edição.

Ao tomarmos, como ponto de partida para este volume, uma proposta que promovia a compreensão da tradução como um processo historicizado, nuançado e condicionado por múltiplas forças, esperávamos receber contribuições sobre aspectos culturais relativos à tradução/Interpretação, sobre descrições e análises linguísticas críticas que abordam diferentes modalidades e momentos históricos, assim como sobre a dimensão ética subjacente a elas — além, é claro, de reflexões sobre as implicações da tradução para mediações linguísticas, culturais e ideológicas. O material que recebemos — inclusive aquele que, por diversos motivos, acabou não sendo selecionado para este volume — nos surpreendeu positivamente por superar nossas expectativas iniciais, trazendo argumentações complexas que vão muito além da mera dicotomização entre as relações de estrangeirização

¹ Professora dos cursos de bacharelado em Letras – Tradução e pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), linha de Literatura, Cultura e Tradução. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8582-9210>. E-mail: andrea.kahmann@ufpel.edu.br

² Professor associado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atuando nos cursos de Bacharelado em Tradução e pós-graduação em Letras (PPGL), linha tradução e cultura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3702-0895>. E-mail: daniel@cchla.ufpb.br

³ Professor Titular do Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade de Alicante, onde coordenou o Doutorado em Tradução e lecionou disciplinas como tradução literária, documentação, deontologia e teoria da tradução. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6846-7182>. E-mail: javier.franco@gcloud.ua.es

e domesticação. Se — como já se poderia esperar pela própria proposta do volume — a formulação de Friedrich Schleiermacher ([1813] 2007), e sua retomada por Lawrence Venuti (1995) e Antoine Berman (1995 e 2007), ocupam espaço destacado nos artigos submetidos, elas se associam a outras perspectivas teóricas, como os memes de Andrew Chesterman (1997), as modalidades de tradução propostas por Francis Aubert (1998), as técnicas de tradução revisitadas por Lucía Molina e Amparo Hurtado Albir (2002), segundo a abordagem funcionalista e dinâmica, os procedimentos técnicos da tradução propostos por Heloísa Barbosa (2004), e os tratamentos de itens-culturais específicos em tradução, de conformidade com Javier Franco Aixelá ([1996] 2013). Para além dessas, as contribuições recebidas de pesquisadores/as vinculados/as à Universidade de Macau evidenciam a vivificação das discussões sobre traduzir *o de fora para dentro* e traduzir *o de dentro para fora*, movimentos incitados por diferentes necessidades e desenvolvidos em distintos momentos de ideologias tradutórias na China, como em outra oportunidade explicou Júlio Jatobá (2019). A “traduto(meio)logia”, de Xie Tanzhen, a “palaxe tradutória”, de Júlio Jabotá, e os debates sobre a construção da chinesidade seguem pulsantes, como podemos depreender das contribuições recebidas para este número. Contudo, a teoria Zhongyong, formulada pelo escritor e tradutor chinês Liang Shiqiu inspirado no pensamento confuciano, traz, pelo artigo de Tao Zheng, a perspectiva de que o tradutor deve escolher um caminho intermediário entre a estrangeirização e domesticação a fim de alcançar um estado de equilíbrio.

Ao argumentar pelas muitas possibilidades intermediárias entre as relações de estrangeirização e domesticação e estimular diferentes raciocínios, os estudos de caso, as propostas de tradução e as discussões teóricas que se seguem contribuem para ampliar os horizontes de discussões sobre os caminhos e consequências da inevitável transferência cultural, trazendo valiosas reflexões para acadêmicos/as e interessados/as que queiram se debruçar sobre o tema.

A fim de mais bem organizar esta edição, dividimos os dezessete artigos recebidos em três partes, que evidenciam, por certo, o local de onde propomos este número especial. Primeiramente, apresentamos cinco artigos que abordam expressões da lusofonia no estrangeiro, ou seja, as que produzem reflexões que, sob a nossa ótica, apresentam o que é *nosso* para o *outro*, iniciando com quatro reflexões sobre a literatura brasileira em tradução e apresentando, em seguida, um artigo sobre tradução dos amálgamas miacoutianos para o chinês. A segunda parte é composta por seis artigos que têm em comum propor reflexões sobre traduções que têm o português como língua de chegada, embora não só. O último artigo desta segunda parte analisa a domesticação e a estrangeirização na tradução das obras de Ivan Búnin a partir de ocorrências em três idiomas — inglês, espanhol e português. Destacam-se neste estudo, porém, as análises das técnicas tradutórias e as contribuições teóricas de Boris Schnaiderman, pioneiro da tradução direta das obras de Búnin para o português. Encerrando este número especial, apresentamos na terceira parte outras seis proposições teóricas e estudos de casos, que se abrem a reflexões das mais diversas, abarcando questões de língua e cultura na tradução, ideologias subjacentes e o processo decisório por trás da construção de traduções, e bem assim inspirações da teoria da tradução de Zhongyong

apresentadas ao leitor brasileiro.

Seguindo essa linha, abrimos este número com “Demystifying the Stigma in the Writings of Carolina Maria de Jesus: translation strategies in translating ‘Favela’”, artigo no qual Elton Uliana, Ana Claudia Suriani da Silva e Raffaella Andréa Fernandez apresentam um projeto de tradução realizado em 2021 como parte das oficinas do SELCS [School of European Languages, Culture and Society] Brazilian Translation Club, na University College London. A tradução da narrativa autobiográfica “Favela”, de Carolina Maria de Jesus, inclusa em *Onde estaes felicidade?*, de 2014, orientou-se, conforme argumentam, pelo princípio da “revisão negativa”, preservando estados emocionais da autora que se expressam em sua idiossincrática ortografia, sintaxe e vocabulário, desmistificando estigmas raciais, sociais e culturais presentes nas primeiras edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus.

O segundo artigo é “A recepção de *The Complete Stories* de Clarice Lispector nos Estados Unidos pelos epitextos da imprensa em 2015”, de Andreia Guerini e Antonia de Jesus Sales. As autoras argumentam que *The Complete Stories*, de Clarice Lispector, organizado por Benjamim Moser, traduzido por Katrina Dodson e publicado pela editora New Directions, em 2015, objetivava ser uma tradução estrangeirizadora voltada para o público norte-americano — mercado que tende a preferir posturas mais domesticadoras. O artigo se ampara no olhar da imprensa sobre a tradução, e a análise de epitextos aponta que, a partir dessa edição, Clarice Lispector foi alçada a um novo *status* de reconhecimento e disseminação no sistema cultural estadunidense, consolidando-se no cânone literário internacional. Apesar disso, o enfoque elogioso da imprensa deteve-se nas características estilísticas da escritora, pouco comentando sobre o escopo da tradutora, invisibilizando, portanto, sua atividade tradutória.

O terceiro artigo é de Nilson Roberto Barros Silva e Rozane Rodrigues Rebechi, que se propõem a analisar a tradução, para a língua inglesa, de jogos de palavras contidos no romance *O xangô de Baker Street*, de Jô Soares. Elegendo como título “A tradução de humor pode ser ‘profundamente’ domesticadora? Jogos de palavras em *O xangô de Baker Street* traduzidos para o inglês” autor e autora detêm-se sobre a tradução de trocadilhos, abordando o desafio de fazer escolhas tradutórias quando o texto fonte constrói mais de uma camada de sentido, uma a partir do elemento sonoro da linguagem e outra a partir do elemento ideacional, e analisam como essas escolhas dialogam com as possibilidades de estratégia em termos de domesticação e estrangeirização.

Em “Uma Comparação de Estratégias de domesticação e estrangeirização na Tradução Literária: Análise de duas obras de Paulo Coelho”, Song Hongze analisa a forma como estratégias de domesticação e de estrangeirização são aplicadas nas traduções chinesas de *Adultério* (2014) e *Veronika decide morrer* (2017), dois romances de Paulo Coelho, respectivamente traduzidos por Zhang Jianbo e Min Xuefei. A análise parte das teorizações de Venuti e da teoria da “traduto(meio)logia”, de Xie Zhentian, para demonstrar a complexidade da análise de estratégias, adotadas como formas de resolver alguns dos problemas de tradução que podem ser identificados a partir dos textos fontes. O trabalho também reconhece a importância tanto das estratégias que buscam promover uma domesticação, quanto daquelas que buscam uma estrangeirização do texto traduzido.

O quinto e último artigo desta primeira parte é de Lin Huang e Yuqi Sun, e intitula-se “Traduzir amálgamas em Terra Sonâmbula para o chinês: entre a estrangeirização e domesticação”. Nele, as autoras abordam os *amálgamas*, neologismos formados a partir da fusão de duas palavras, que são uma marca da escrita criativa de Mia Couto, especialmente em *Terra Sonâmbula*, primeiro romance do autor moçambicano. Partindo de duas traduções chinesas de *Terra Sonâmbula*, uma de Jin Xinyi, publicada em Taiwan, e outra de Min Xuefei, publicada em Pequim, as autoras propõem um novo padrão de categorização e quatro princípios para a tradução desse fenômeno do português para o chinês, cujas palavras são formadas com base em caracteres.

A segunda parte desta edição tem início com o artigo de Marina Leivas Waquil, “Um projeto de tradução feminista transnacional e estratégias estrangeirizantes: ‘El viaje’, de Melanie Taylor, em português”. Ao abordar princípios da tradutologia feminista transnacional a partir de um projeto tradutório estrangeirizante do texto “El viaje”, da panamenha Melanie Taylor, e seu contexto geopolítico relativamente pouco explorado no Brasil, a autora promove uma interessante reflexão sobre a aplicação de estratégias tradutórias feministas e estrangeirizantes. Além de visibilizar o texto traduzido e valorizar a voz da tradutora, o trabalho nos estimula a refletir sobre questões como alteridade cultural, circulação de conhecimentos na cultura de chegada, relações de poder e hierarquia — incluindo-se aí as estruturas de poder subjacentes ao trabalho de seleção de textos para tradução e a circulação de conhecimentos produzidos por mulheres. Ao possibilitar a divulgação de vozes, culturas, histórias e visões de mundo de uma cultura não central, o artigo de Waquil estimula o desenvolvimento de uma postura questionadora, o direcionamento de mais esforços de pesquisa acerca de subjetividades e contextos geopolíticos diversos, o respeito ao diferente e a promoção de um saber ético, adequado ao projeto e ao contexto de tradução, no qual se destacam — e não se apagam — as marcas histórico-culturais do texto de partida e a presença da voz da tradutora.

Em seguida, trazemos as reflexões de Cristiane Bezerra do Nascimento, Alinne Balduino Pires Fernandes e Beatriz Kopschitz Bastos sobre “Aspectos culturais na tradução para o português de *Rings*, de Rosaleen McDonagh”. A partir de um recorte de um projeto de tradução da peça teatral *Rings*, da autora irlandesa Rosaleen McDonagh, o artigo de Nascimento, Fernandes e Bastos analisa as estratégias adotadas para lidar com a tradução de aspectos da cultura *Traveller* para um contexto brasileiro. No artigo, as autoras partem do cotejo entre o texto de partida e texto de chegada para mostrar como as estratégias de domesticação e estrangeirização são combinadas para construir uma tradução que, ao mesmo tempo, permita ao público alvo conhecer uma cultura minorizada e possibilite a construção de relações de identificação com os personagens. Mais do que apresentar a cultura *Traveller* do contexto irlandês — com seu estilo de vida, suas tradições culturais e as discriminações sofridas por esse grupo minoritário —, o trabalho das autoras nos permite refletir sobre os desafios da tradução teatral, a partir da cativante e provocadora peça de McDonagh.

Em “Traduzir Mentira e sortilégio de Elsa Morante”, Luciana Cabral Teixeira Doneda discute os desafios de traduzir, para o português, o romance *Menzogna e sortilegio*, da

escritora italiana Elsa Morante. Partindo da análise crítica da obra, são levados em consideração aspectos estilísticos e discursivo, contextualizando-se a narrativa tanto histórica quanto socialmente, e levantando-se questionamentos sobre feminismo, maternidade, diferenças sociais e econômicas, alteridade e mentira como estratégia de controle. Ao discutir aspectos estéticos de uma narrativa que trabalha quebras de expectativas, elementos fantásticos e temas como a crueldade do destino se mostram em antíteses. Assim, o trabalho nos convida a refletir sobre relações de poder e hierarquias sociais, sobre opressão e sobre o papel da mulher, da reprodução, da maternidade, das relações familiares abusivas. Além disso, a discussão da tradução desse texto promove uma interessante discussão sobre o confronto de estilos, discursos literários, valores, crenças e representações sociais.

Em “Estratégias de (re)tradução do *Fausto II* de Goethe no Brasil à luz das ideias de Henri Meschonnic: algumas observações”, Flávio Menezes Quintiliano desenvolve um trabalho a partir de textos do linguista e tradutor francês Henri Meschonnic e sua poética do Traduzir. Ao trazer alguns dos principais aspectos das discussões de Meschonnic, originalmente distribuídas em 40 livros (sobre Linguística, Estudos Culturais e Estudos da Tradução), o artigo nos apresenta quatro traduções completas de *Fausto II* de Goethe em língua portuguesa, aplicando os princípios da Poética do Traduzir de Meschonnic a fim de comentar três excertos de (re)traduções, incluindo uma tradução de autoria própria.

O décimo artigo desta edição é “A norma do monolinguismo na tradução do texto multilíngue. O caso das traduções portuguesa e brasileira de *Män som hatar kvinnor*”, de Lucía Molína e Katia Aily Franco de Camargo. As autoras analisam as traduções portuguesa e brasileira do romance *Män som hatar kvinnor*, de Stieg Larsson, observando as escolhas tradutórias feitas a partir do texto multilíngue para os dois sistemas literários (português e brasileiro). Discutindo especificidades socioculturais como uma característica definidora da tradução, as autoras analisam o multilinguismo presente no texto fonte e as relações de trocas lexicais e coexistência de várias línguas em um mesmo espaço geográfico. Ao observar o uso de palavras e expressões em inglês em um texto fonte sueco, as autoras comentam a atual realidade sociolinguística sueca e a forma como o texto fonte constrói marcas etnolinguísticas, além de abordar as soluções tradutórias empregadas na tradução para o português europeu e na tradução para o português brasileiro — dois contextos sociais distintos, embora tenham a mesma língua (em termos de estrutura e oposições funcionais) —, incluindo aí as alternâncias de códigos, empréstimos, usos de marcadores etnolinguísticos e de termos com forte especificidade cultural.

Encerrando a segunda parte deste número especial, Elena Vássina e Marcia Vinha, em “Da Rússia para o mundo: domesticação e estrangeirização na tradução das obras de Ivan Búnin”, compilam, descrevem e analisam itens culturais-específicos, termo que usam conforme Javier Franco Aixelá ([1996] 2013), presentes em traduções da prosa do escritor russo Ivan Búnin (1870-1953). Segundo as autoras, a prosa de Búnin, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1933, impõe à tradução o desafio do tratamento de marcas regionais, provenientes do universo social, cultural e linguístico característicos da vida rural russa, e muitas vezes opacos mesmo para um leitor russo contemporâneo, para além de sua marcante

prosa poética. As autoras identificaram 132 ocorrências de itens culturais-específicos presentes em 15 traduções para o português, o inglês e o espanhol. As estratégias de tradução para os excertos escolhidos foram analisadas e categorizadas conforme proposição de Lucía Molina e Amparo Hurtado Albir (2002), de modo a permitir a conclusão de que as estratégias de domesticação prevaleceram em 86% dos casos, tendendo a ser mais recorrentes nas traduções para a língua inglesa. Já nas traduções brasileiras, notadamente as traduções diretas do russo realizadas por Boris Schnaiderman, as autoras observaram o recurso à estratégia da amplificação, qual seja, da expansão do texto ou acréscimos a ele sobretudo por meio de notas de rodapé.

Iniciando a terceira seção deste número especial, temos o artigo de Daniel Antonio de Sousa Alves, “Ideologia dos outros: Sobre ideologias subjacentes e sobre o processo decisório por trás da construção de traduções”. O artigo de Alves debate, de um ponto de vista teórico, aspectos ideológicos subjacentes aos usos da linguagem e como tais aspectos influenciam os contextos de tradução. Trabalhando com um referencial que discute o papel que tradutores/as desempenham no jogo de dominação e resistência constituído em contextos de mediação intercultural, o trabalho busca refletir sobre escolhas tradutórias e como elas dialogam com as possibilidades abertas pelos sistemas linguísticos em jogo e com os projetos tradutórios.

Em “A tradução dos aspectos da cultura chinesa para o leitor brasileiro: as inspirações do Zhongyong”, Tao Zheng promove uma visão teórica de tradução inspirada na filosofia confuciana — que busca um caminho do meio, ponderado e harmonioso e que, ao mesmo tempo, evita os extremos de exotização e domesticação. Ao final do artigo, exemplifica o referido modelo por meio da tradução de uma crônica chinesa, no que busca demonstrar que, para lidar com os aspectos culturais na tradução entre o chinês o português, é possível ao tradutor recorrer a um caminho do meio de equilíbrio entre as estratégias de exotização e a domesticação. O artigo de Tao contribui para as discussões sobre ferramentas e abordagens tradutórias, sobre teoria e prática tradutória, e, além disso, impulsiona o intercâmbio cultural entre o Brasil e a China, promovendo uma reflexão sobre os laços entre linguagem e suas marcas culturais, sobre aspectos fortemente associados ao texto fonte e o desafio de construí-los com leitores-alvo que, pouco frequentemente, têm um conhecimento suficiente sobre eles.

O artigo “Indo além da Estrangeirização/Domesticação dicotômica em Tradução da Poesia Visual”, de Sida Lang, nos convida a refletir sobre como as discussões referentes à estrangeirização e à domesticação frequentemente se limitam a um posicionamento binário que ignora a complexidade da questão tradutória em seus contextos reais de aplicação, isto é, a produção de traduções e as realidades de tradutores/as como produtores/as de conhecimento. A partir de um local de fala que lida com a tradução de poesia visual, a autora mostra como tal contexto não permite definir claramente os limites entre estrangeirizar e domesticar, e assim promove um debate sobre o papel do leitor na poesia visual e sobre a forma como a poesia visual supera as articulações entre linguagem verbal e elementos tipográficos e visuais, dissolvendo as fronteiras entre gêneros literários e visuais.

Retomando-se os debates sobre brasilidade, Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista analisa “O projeto tradutório exotizante de José de Alencar em *Iracema*”. Discutindo um dos romances brasileiros mais traduzidos — *Iracema*, de José de Alencar —, o artigo de Batista aponta como o texto de Alencar revela, por si próprio, ter um projeto tradutório implícito, de feição exotizante, condizente com o propósito de Alencar de criação de uma língua e literatura nacional brasileira a partir de um processo de contaminação da cultura colonizadora de matriz europeia pela indígena. O autor segue o conceito de tradução difundido pela Escola Manipulativa, segundo Lefevere, que propõe uma abordagem de tradução descritiva, empírica, interdisciplinar e orientada para a língua alvo. Assim, a análise de Batista nos convida a refletir sobre o papel do escritor latino-americano como um mediador cultural, que negociava as tradições locais e as imposições culturais externas, construindo uma linguagem híbrida em *Iracema* que introduz palavras tupi no texto em português, metáforas indígenas na língua portuguesa e expressões indígenas na língua portuguesa.

Em “História do pensamento tradutório do século XVIII francês: múltiplas abordagens”, Cristian Cláudio Quinteiro Macedo e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard trazem resultados de uma pesquisa sobre Historiografia da Tradução, e refletem sobre a noção de *belles infidèles* como forma hegemônica de tradução nos séculos XVII e XVIII na França. A discussão do autor e da autora traz informações sobre esse capítulo da história dos Estudos da Tradução e sobre os desenvolvimentos e aprimoramentos que o campo disciplinar vem apresentando ao longo das últimas décadas. O artigo ainda nos convida a refletir sobre os discursos tradutórios do século XVIII a partir de três vieses: um filosófico — a partir do qual se constroem as bases de uma teoria da tradução —, um historiográfico — que apresenta um mapeamento da epistemologia setecentista —, e um literário — que discute as *Belles Infidèles* e o gosto clássico.

Encerrando este número, temos o “O texto do outro: questões de língua e cultura na tradução”, de Daniela Schwarcke do Canto e Anselmo Peres Alós, que propõem uma revisão sobre as principais discussões do campo da teoria da tradução atinentes às questões de identidade e alteridade, visando à pavimentação dos debates sobre domesticação e exotização em tradução. Partindo dos conceitos introduzidos por Frederick Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) e Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) sobre os direcionamentos possíveis da tradução, autora e autor atravessam a História da Tradução revisitando os postulados de Walter Benjamin, Paulo Rónai, Antoine Berman, Umberto Eco e Paulo Henriques Britto, chegando a Javier Franco Aixelá, Philippe Humblé e Michael Cronin.

A partir desse rico rol de contribuições, com diferentes linhas de raciocínio e percursos teóricos, acreditamos, da nossa posição como organizadores e organizadora deste volume, que os artigos que se seguem permitem construir uma visão panorâmica acerca da forma como o campo disciplinar vem lidando com as muitas possibilidades de abordar o tema das relações de exotização e domesticação em tradução, construindo compreensões mais amplas, que envolvem aspectos e itens culturais, relações de poder e estruturas sociais em tradução. Demonstram ganhar fôlego as reflexões que abraçam a diversidade, o respeito ao outro e a democrática multiplicidade de pontos de vista, como se notam das contribuições que partem

de Luise von Flotow (1991) e Sherry Simon (2005), da obra de Sandra Bermann e Michael Wood (2005), para além de outros tantos debates aqui inclusos.

Ao concluir nosso trabalho neste volume, esperamos que as leitoras e os leitores se sintam, assim como nós, estimulados/as a (meta)discutir — remetendo, aqui, às palavras de James Holmes ([1972] 2000) — as muitas possibilidades de se refletir sobre este processo nuançado e complexo que é a tradução. Esperamos que sintam o desafio, no sentido mais positivo possível da palavra, de também saírem de suas zonas de conforto e tomar os artigos que se seguem não como conclusões, mas como pontos de partida para o desenvolvimento de novos trabalhos, para a realização de debates plurais e para a construção de novas visões.

Referências

- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução*. Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 2004.
- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de M.H.C. Torres, M. Furlan e A. Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris: Éditions Gallimard, 1995.
- BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.) *Nation, language, and the ethics of translation*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005.
- CHESTERMAN, A. *Memes of Translation*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- FLOTOW, L. von. Feminist Translation: Contexts, Practices, Theories. *TTR*, v. 4, n. 2, p. 69–84. 1991.
- FRANCO AIXELÁ, J. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução de M. Marinho e R. Silva. *In-Traduções*, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013.
- HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, Lawrence (Org). *The translations studies reader*. Londres: Routledge, 2000. p. 172-185.
- JATOBÁ, J. R. Poéticas do Traduzir a, na e para a China: uma proposta. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 39, n. esp., p. 120-147, set-dez, 2019.
- MOLINA MARTÍNEZ, L.; HURTADO ALBIR, A. Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach. In: *Meta: Journal des traducteurs*, v. 47, n. 4, p. 498-512, 2002.
- SCHLEIRMACHER, F. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Tradução de C. R. Braidá. *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, 2007, p. 233-265.
- SIMON, S. *Gender in Translation*. Londres e Nova York: Routledge, 2005.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility: a history of translation*. Londres e Nova York: Routledge, 1995.